

Parte IV - Usted preguntará por qué cantamos

Breve história da constituição do grupo plataforma argentino

Patrícia Jacques Fernandes
Maria das Graças dos Santos Duarte
Heliana de Barros Conde Rodrigues

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FERNANDES, PJ., DUARTE, MGS., and RODRIGUES, HBC. Breve história da constituição do grupo plataforma argentino. In JACÓ-VILELA, AM., CEREZZO, AC., and RODRIGUES, HBC., orgs. *Clio-psyché: fazeres e dizeres psi na história do Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 136-149. ISBN: 978-85-7982-061-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

BREVE HISTÓRIA DA CONSTITUIÇÃO DO GRUPO PLATAFORMA ARGENTINO

*Patrícia Jacques Fernandes **

*Maria das Graças dos Santos Duarte ***

*Heliana de Barros Conde Rodrigues ****

O presente artigo tem como horizonte de pesquisa caracterizar a importância do Plataforma Argentino —primeiro grupo de psicanalistas a renunciar, por motivos declaradamente políticos, à legitimação emprestada pela IPA (International Psychoanalytical Association)— para a elaboração de uma história da Análise Institucional no Brasil. Neste sentido, explora-se brevemente o percurso da Psicanálise no país vizinho, bem como se abordam as condições propiciadoras da ruptura político-institucional que constitui nosso foco pontual de interesse.

Medicina, Psiquiatria e Psicanálise

Desde 1918 a Reforma Universitária Argentina favorecera a ampliação educacional exigida pelas classes médias, predominantemente originadas da imigração europeia. A partir dos anos 20, cresce o número de institutos de assistência e obras sociais, e a carreira médica é uma das mais procuradas. Ao mesmo tempo, evidenciam-se os primeiros indícios de proletarização da profissão.

Com o intuito de dirimir a concorrência, a corporação médica toma algumas providências: diagnostica um suposto decréscimo na qualidade da formação e sugere reduzir as cotas de ingresso à universidade; incrementa a oferta de cursos de pós-graduação —especializações—, bem como o número de seções da Associação Médica Argentina, legitimando a

* Graduanda do curso de Psicologia da UERJ, bolsista de Iniciação Científica da FAPERJ.

** Graduanda do curso de Psicologia da UERJ, bolsista de Iniciação Científica da UERJ.

*** Professora do Departamento de Psicologia Social e Institucional da UERJ.

estratificação de uma hierarquia, através da divisão do trabalho e da diferenciação de funções, que permita direcionar a ampliação do mercado e contrabalançar a, ainda incipiente, crise de empregos. Na mesma linha de ação, considera premente bloquear os não legalmente habilitados, dado que atenderiam à população-alvo cobiçada pelos médicos, agora predominantemente urbana (cf. BALÁN, 1991: 33).

A psiquiatria, por sua vez, lutava para se afirmar enquanto especialidade. Há muito identificada com o controle e vigilância da loucura, deslizava agora para o tratamento de distúrbios “mais leves”, buscando redimensionar sua imagem profissional. Neste contexto, o psiquiatra “flutuava” entre a repressão à loucura e a promoção da saúde mental.

Nos anos 30, a Psicanálise chega definitivamente à cultura argentina, apresentando-se, concomitantemente, como atraente forma de especialização para os psiquiatras, por oferecer inovações teóricas e técnicas, em particular no campo das psicoterapias. Trazia, porém, alguns aspectos considerados inquietantes: a formação se daria fora do controle corporativo da medicina; isto é, as associações psicanalíticas poderiam oferecer formação aos não médicos, desafiando os propósitos de controlar o exercício ilegal da profissão.

Ocorre em 1940, numa confeitaria da Calle Florida, em Buenos Aires, a primeira reunião destinada a fundar uma associação psicanalítica. Os participantes, dos quais somente o primeiro não possuía título médico, eram: Bela Székeli (estudioso húngaro de Psicologia e Psicanálise), Gregório Bermann, Jorge Thénon, Arnaldo Rascovsky, Enrique Pichón-Rivière, Angel Garma, Guillermo Ferrari Hardoy e Celes Ernesto Cárcamo.

Depois de muitos debates, delimitaram-se dois grupos inconciliáveis: o primeiro composto pelos defensores da obrigatoriedade da análise didática como requisito para aceder ao título oficial de psicanalista, conforme exigido pela IPA, dispensando, paralelamente, o diploma em medicina; o segundo, recusando qualquer ingerência *ipeísta* em assuntos julgados de competência exclusivamente médica.

Não houve acordo naquele momento, portanto, para a fundação de uma associação.

A ANA contextualizada: anos 40 e 50

A Associação Psicanalítica Argentina (APA) foi fundada oficialmente em 15 de dezembro de 1942 por Arnaldo Rascovsky e Enrique Pichón-Rivière¹, Angel Garma², Ceies Ernesto Cárcamo³, Guillermo Ferrari Hardoy⁴ e Marie Langer⁵. Nomes como Luís Rascovsky, Matilde Wencelblat, Simon Wencelblat, Arminda Aberastury e Luisa Gambier Alvarez de Toledo também compunham o grupo de pioneiros, que possuía características peculiares: Garma, Cárcamo e Langer, os fundadores que tinham formação ortodoxa e se tornaram, por tal motivo, didatas e supervisores de seus colegas, não se propunham a seguir o modelo hierárquico dos institutos europeus e norte-americanos, mas a constituir uma espécie de “república de iguais” (cf. ROUDINESCO e PLON, 1998: 34).

À mesma época, no campo político, a Argentina mobilizava-se em torno das polaridades definidoras da Segunda Guerra Mundial. Em 1943, um grupo de coronéis do exército, integrado por simpatizantes do Eixo, opôs-se às candidaturas previstas para as eleições daquele ano, majoritariamente compostas por pró-aliados. Através de um golpe de Estado, implantaram um regime nacionalista, industrializante e pretensamente neutro frente à Segunda Grande Guerra. Um nome de destaque entre os golpistas é o de Juan Domingo Perón que, em 1946, ascenderá, mediante eleições, à presidência da República Argentina. Seu governo teve características populistas e reformistas nos setores social e econômico, sendo, ao mesmo tempo, marcadamente conservador e autoritário.

¹ Ambos psiquiatras argentinos, descendentes de imigrantes.

² Psiquiatra espanhol, formado no Instituto Psicanalítico de Berlim.

³ Médico argentino, formado no Instituto Psicanalítico de Paris.

⁴ Médico argentino com especialização em psiquiatria, em Berlim.

⁵ Médica austríaca, formada no Instituto de Psicanálise de Viena. Chegou a Buenos Aires ao fim dos anos 30, exilada em função da Segunda Guerra Mundial, depois de participar do Partido Comunista Austríaco, bem como das Brigadas Internacionais em favor da República Espanhola.

Por volta de 1952, a medicina oficial intensifica as pressões para que a APA limite aos médicos a oferta de formação analítica. Acatando parcialmente as exigências, a associação modificou seus estatutos, restringindo as atividades dos psicanalistas leigos à “readaptação de pessoas psicossocialmente desadaptadas” e obrigando-os a manter-se sob a supervisão de um médico (cf. BALÁN, 1991: 132). Tal medida, no entanto, foi considerada insuficiente, pois a formação de não médicos, quando já iniciada, não fora interrompida. Sendo assim, em maio de 1954, Ramón Carrillo —ministro da Saúde Pública do governo peronista—, através da Resolução 2282, determina que apenas os portadores do diploma em medicina estariam autorizados à prática da psicoterapia e da psicanálise, embora os denominados “assistentes de psiquiatria” pudessem exercer funções auxiliares de readaptação e aplicação de testes psicológicos, sempre mediante supervisão legalmente habilitada.

Em 1955, novo golpe de Estado, autodenominado “Revolução Libertadora”, depõe Perón, ascendendo à presidência o general Eduardo Leardi, logo seguido pelo general Pedro Aramburu. Durante o período compreendido entre 1945 e 1955, a sociedade argentina sofrera significativas mudanças. A classe média urbana prosseguira em vertiginoso crescimento, ao passo que a população rural decrescera rapidamente. Os filhos das classes médias em ascensão viram aumentar as dificuldades para ingressar nos estudos superiores, pois a população estudantil que buscava a formação universitária triplicara nesses dez anos, havendo-se mantido constantes o número de carreiras e de estabelecimentos. Tal situação descontentava os jovens que, além disso, se deparavam com currículos defasados, dificuldades de acesso à formação e incerteza quanto ao reconhecimento profissional. A primeira metade da década de 1950 foi marcada por protestos dos estudantes que, à época, viam no antiperonismo a principal forma de participação política.

No tocante à Psicologia, antes mesmo da queda do governo peronista, crescia a demanda por uma formação específica, valorizando-se possíveis aplicações na clínica, na docência, na indústria e no controle da opinião

pública. Em 1953 já havia sido criada, em Rosário, a carreira de *auxiliar de psicotecnia*, mediante um curso de dois anos de duração. Em 1954 fundar-se, na mesma cidade, o Instituto de Psicologia, cuja proposta era a ampliação da carreira de acordo com as recomendações estabelecidas no Congresso de Psicologia, realizado em Tucumán naquele ano. Em 1956, com duração de cinco anos, institui-se, mais uma vez em Rosário, o primeiro curso de Psicologia da Argentina.

Em 1957, também a Universidade de Buenos Aires ganha o seu curso de Psicologia —até então, a oferta universitária se limitava a cadeiras de Psicologia Geral ministradas nas faculdades de Filosofia e Letras ou de Humanidades— que, em princípio, deveria possuir uma orientação de estilo acadêmico, descontentando os estudantes, mais interessados em uma carreira direcionada para a prática, competitiva com a medicina.

A ampla participação do alunado na gestão dos cursos universitários, oriunda da Reforma Universitária de 1918, promoveu a contratação de professores com perspectiva psicanalítica. O primeiro foi José Bleger, logo seguido por outros companheiros da APA, como Fernando Ulloa e David Liberman. Sendo assim, a formação dos primeiros psicólogos argentinos teve, na verdade, cunho marcadamente psicanalítico.

A APA fora dos muros

Apesar das tentativas da Associação Psicanalítica Argentina de garantir o seu monopólio, a partir da segunda metade da década de 50 a formação em Psicanálise não parou de se difundir fora de seus limites estritos. Além da grande influência na formação em psicologia, a Psicanálise penetrou nos serviços hospitalares públicos, através das experiências grupais, tendo por antecedente os trabalhos de Pichón-Rivière, desenvolvidos, ainda nos anos 40, na sala de adolescentes do Hospício de Las Mercedes (cf. LEMA, 1996: 69–74).

A psicoterapia realizada em grupo se popularizou na década seguinte e, em 1955, membros da APA e profissionais não pertencentes à associação

fundam a Associação Argentina de Psicologia e Psicoterapia de Grupo (AAPPG). Em 1957 é lançado, por Marie Langer, Emilio Rodrigué e León Grinberg, o primeiro texto argentino sobre o tema, intitulado *Psicoterapia de grupo*, que se tornou referência obrigatória neste campo.

Simultaneamente, estabeleciam-se transformações no campo psiquiátrico. Sob a influência da Organização Mundial da Saúde, configuram-se as ações e o conceito de “Saúde Mental”, em substituição à antiga (e criticada) “higiene mental”. Segundo a OMS, o campo da saúde mental deveria ser abordado de forma ampliada, vinculando-se a psiquiatria à medicina geral e incluindo-se as contribuições da Psicologia e da Sociologia.

Destaca-se, neste sentido, a experiência-piloto levada a cabo sob a direção de Maurício Goldenberg na Policlínica Gregório Araóz Alfaro, em Lanús (província de Buenos Aires), propondo uma reforma total da atenção psiquiátrica mediante os seguintes procedimentos: reorganização da internação nas colônias e hospícios; criação de consultórios externos e dispensários; abertura de hospitais diurnos; e, principalmente, organização de serviços psiquiátricos nos hospitais gerais. Apesar de contar com poucos recursos, o “Lanús” tornou-se um polo de referência. Através da aliança com jovens médicos, Goldenberg conseguiu erradicar velhas disputas internas ao campo psiquiátrico. Assim, trabalhavam juntos psiquiatras com orientação fenomenológica tradicional, reflexólogos e psicanalistas; entre estes, candidatos da APA. O Lanús foi também o primeiro serviço de psiquiatria em hospital público a incorporar psicólogos à equipe técnica.

Neste sentido, podemos dizer que as inovações no campo da saúde mental, a popularização das experiências grupais —destacando-se as desenvolvidas nas instituições públicas— e a inclusão de disciplinas psicanalíticas nos currículos de psicologia favoreceram sobremaneira a expansão da psicanálise para além dos muros da APA.

“Puros” e “impuros”?

Se a grande difusão fomentava a busca pela psicanálise, a APA não supria tal demanda, mantendo restrito e controlado o número de didatas. Durante a espera, os aspirantes à formação se sentiam impelidos a continuar sua análise terapêutica e a ampliar seu treinamento prático onde fosse possível, participando de grupos de estudo e recebendo pacientes em análise, mesmo sem supervisão oficial. Os grupos de estudo serviam principalmente como saída para os psicólogos, cujo acesso à formação oficial permanecia vedado.

Nesse contexto, foram organizações impulsionadas por membros da APA que promoveram o ensino e a difusão da psicanálise. Dentre elas mencionamos, para que se aprecie a diversidade de propósitos, tanto a Escola de Psicoterapia para Graduados —criada por membros associados, a partir de uma iniciativa de Rascovsky, como uma espécie de “grupo de espera” para a formação oficial— quanto a Escola Privada de Psiquiatria Social —onde Pichón-Rivièrre, ao lado de Bleger, Liberman e Ulloa, pretendia menos treinar psicoterapeutas do que explorar aplicações da Psicanálise a áreas outras que o consultório; ou seja, grupos, organizações, comunidades, vida cotidiana *etc.*

Apesar de tantas extensões da psicanálise para além dos domínios da APA, alguns grupos da Associação continuaram defendendo a manutenção de um sem tido mais estrito para a doutrina e a técnica. Por conseguinte, pode-se falar numa grande divisão interna, em que os adjetivos “puro” e “impuro” foram manejados como categorias de defesa e/ou acusação.

A defesa da manutenção da “pureza” acompanhava, em geral, uma diferenciação proposta por Bleger. Na perspectiva blegeriana, o treinamento de analistas e a prática da psicanálise *stricto sensu* deveriam continuar a ser monopólio da APA —e, conseqüentemente, dos médicos—, ficando as intervenções politicamente avaliadas como mais importantes —a psico-higiene e a ação em instituições e/ou comunidades, orientadas por uma

compreensão psicanalítica do comportamento humano— nas mãos dos novos profissionais de saúde mental, os psicólogos⁶.

Entre os que defendiam a “pureza” destaca-se o grupo apelidado “Escobar” —denominação inspirada na região em que seus integrantes possuíam casas de final de semana—, constituído a partir de 1959, ano em que Marie Langer, uma de suas componentes mais destacadas, assume a presidência da APA. Integravam ainda o grupo León Grinberg, David Liberman e, após seu retorno dos Estados Unidos, em 1962, Emilio Rodrigué.

Embora tivesse inúmeros adversários na APA, o Escobar não deixava, igualmente, de estabelecer alianças. A mais importante, sem dúvida, era a desenvolvida com Pichón-Rivière e seus seguidores. Tal proximidade sugere que se relativize bastante o sentido estrito do “purismo Escobar”, visto que Pichón jamais se constituiu em um típico analista ortodoxo, insistindo, ao contrário o, nas articulações entre a teoria e a técnica psicanalítica clássicas e uma variedade de perspectivas oriundas de múltiplos campos disciplinares. Marie Langer, em especial, com ele partilhava orientações político-ideológicas de cunho marxista, além de lhe dedicar uma antiga amizade, desde os tempos da chegada a Buenos Aires.

Do complexo e por vezes paradoxal entrecruzamento dos intelectuais de esquerda com o grupo Escobar, ambos sob a influência, entre outras, de referenciais teóricos kleinianos, surgiram os movimentos de reforma voltados para a ruptura do isolamento da APA com respeito ao contexto político-institucional.

A Argentina na segunda metade da década de 60

Em 1966 a Argentina sofre um novo golpe de Estado, que depõe o presidente eleito, Arturo Illia. A ditadura imposta pelo general Juan Carlos Onganía tem como características o anticomunismo, o autoritarismo e o extremismo religioso, na forma de catolicismo exacerbado. Sua intervenção

⁶ Para apreciar as polêmicas produzidas por esta diferenciação, principalmente devido à influência de Bleger na formação de psicólogos, deve-se consultar Bricht *et al.*, 1973.

nas universidades se dá mediante violenta repressão, cujo ápice ficou conhecido como “La Noche de los Bastones. Largos”⁷.

Onganía dissolveu partidos políticos, perseguiu líderes estudantis e sindicalistas combativos, estabeleceu censura e apreensão de livros.

Paralelamente, implantou uma política econômica liberal que favorecia o capital externo enquanto alegava combater a inflação. Nos primeiros momentos esse projeto obteve aparente sucesso, embora sempre à custa do arrocho salarial, do aumento de impostos, do crescimento das falências, do desemprego e da redução das exportações (cf. BEIRED, 1996: 66).

A renúncia, em massa, a seus cargos por parte dos professores universitários e a resistência estudantil foram algumas das primeiras respostas da sociedade aos métodos da autodenominada “Revolução Argentina”. Reflexos logo se fizeram sentir dentro da APA, apesar do afastamento que a maioria de seus membros procurava manter quanto ao campo político. Para muitos candidatos que participavam ativamente da vida institucional e cultural —engajados em serviços hospitalares e em centros de saúde—, o elitismo da associação não se coadunava com o sempre propalado “caráter revolucionário” da doutrina freudiana. Sob a orientação de mestres afinados com igual pensamento, trabalhavam em colaboração com o emergente sindicalismo de base, ou estudavam a relação entre a psicanálise e o marxismo, articulação valorizada pela militância política externa aos partidos tradicionais da esquerda argentina. Definiam-se, neste sentido, tanto como *trabalhadores de saúde mental* quanto como *psicanalistas*.

Maior de 68 serviria como estopim para muitos movimentos de contestação e, na Argentina, o cenário não foi diferente⁸. Toda a agitação universitária, exacerbada pelas intervenções do governo golpista, culminou em enfrentamentos deste com estudantes e operários, nos meses de abril e

⁷ Para um detalhamento acerca dos acontecimentos desta noite terrível, em que alunos e professores foram brutalmente espancados, ver Caldelari & Funes, 1997.

⁸ Acatando os paradoxos, pode-se dizer que, assim como o início do maio de 68 francês data de março, o maio de 68 argentino eclode de forma efetiva em 1969.

maio de 1969. Esta série de acontecimentos ficou conhecida como “Cordobazo”, por ter tido epicentro na cidade de Córdoba, que acabou, na represália governista, ocupada pelo exército nacional.

A APA, sempre silenciosa, reagiu: em sinal de luto, suspendeu por um dia suas atividades, além de publicar uma nota nos jornais portenhos, lamentando a incompreensão do governo. Foi o dia em que os psicanalistas fizeram greve⁹.

Plataforma Internacional, Plataforma Argentino — a ruptura

Ainda sob os efeitos de Maio de 68 e do Cordobazo, realizou-se em Roma, em julho de 1969, o XXVI Congresso Internacional da IPA, cujo tema era *Protesto e Revolução*. Nas palavras de Marie Langer (1987: 98), “Plataforma apareceu, de fato, como um símbolo gráfico”. Conta ela que, no local em que se daria o Congresso oficial, o luxuoso Hotel Cavallieri Hilton, uma faixa, trazendo a palavra *psicanálise*, grafada em espanhol, com um cifrão no lugar do “s” final —*Psicoanálisi\$*—, anunciava a realização de um Congresso Paralelo.

A iniciativa deste Paracongresso (ou mesmo Contracongresso), convocado para uma cantina popular (a *Carletto al Panorama*) situada nas imediações, partira de um grupo de candidatos¹⁰ de associações psicanalíticas europeias. Nas palavras de Kesselman (1973), foram quatro —todos ativamente ignorados pelo Congresso Oficial— os pontos básicos nos debates: a formação do psicanalista; o significado, função e estrutura das sociedades psicanalíticas; o papel social dos psicanalistas e a imagem social da Psicanálise; as relações entre psicanálise e instituições.

⁹ Acerca do Cordobazo e da nota publicada pela APA em 29/05/69, consultar Carpintero & Vainer, 1999.

¹⁰ Em linhas gerais, podemos dizer que, nas sociedades vinculadas à IPA, o candidato representa o grau mais baixo na hierarquia da formação, não tendo direito, em geral, a voz nem voto nas reuniões oficiais. Os graus subsequentes são associado, titular e didata.

Como representantes argentinos compareceram Hernán Kesselman e Armando Bauleo. Ao final do evento, foi redigida uma lista de reivindicações referente aos problemas da carreira psicanalítica, a seus custos excessivos, ao conteúdo ideológico da formação e aos requisitos para o ingresso na carreira (cf. LANGER, 1987: 99). Por assemelhar-se a uma plataforma política, decidiu-se batizar o movimento de *Plataforma Internacional*, estabelecendo-se filiais na Argentina, Áustria, Itália e Suíça.

O grupo Plataforma Argentino foi fundado por Armando Bauleo e Hernán Kesselman, com o objetivo de levar à frente as reivindicações elaboradas no Contracongresso. Muito cedo diversos de seus integrantes aderem à FAP (Federação Argentina de Psiquiatras), com o intuito de, expandindo o raio de ação, promover maior difusão dos temas críticos. A Federação, à época, passava da simples denúncia à militância ativa, através da participação em mobilizações estudantis e operárias, ao mesmo tempo que combatia os projetos governistas no campo da saúde mental (cf. BRASLAVSKY & BERTOLDO, 1977: 34).

Na mesma ocasião surgia, dentro da APA, outro movimento contestador, com posições similares às de Plataforma, conhecido como Grupo Documento. Reivindicava o voto para os associados, bem como o direito de ser automaticamente didata para todos os titulares. Embora o conjunto de reivindicações fosse mais “internalista” que o de Plataforma, o certo é que ambos os movimentos tinham muitas posições em comum.

Em julho de 1971 ocorre novo Congresso da IPA, em Viena. Como em 1969, institui-se um Contracongresso fomentado por Plataforma Internacional, sob o tema *A teoria e a prática psicanalítica à luz dos diferentes caminhos em direção ao socialismo*. Se as relações do Plataforma Argentino com a APA mostravam sinais de irreversível desgaste, a situação de Plataforma Internacional era igualmente crítica: suas ideias transformadoras já não encontravam sustentação dentro das associações psicanalíticas filiadas, provocando a evasão de um grande número de “rebeldes”.

No retorno de Viena, o Plataforma Argentino prepara a ruptura com a APA e apresenta sua renúncia sem consultar previamente os membros de Documento. Por seu turno, poucos dias depois também Documento renuncia, pois sequer reformas parciais poderiam mais ser obtidas, tendo-se perdido os votos de Plataforma¹¹. A luta política continuava agora, mais do que nunca, direcionada para a FAP, a cuja presidência Marie Langer ascendeu pouco tempo depois. Criou-se a Coordenadoria de Trabalhadores de Saúde Mental (CTSM) —formada pela reunião de Associação de Psicólogos, FAP, Associação de Assistentes Sociais e de Psicopedagogos—, cujo objetivo era ampliar, de forma conjunta, a luta político-sindical. Em seguida, o grupo Documento apresenta a proposta de criação do Centro de Docência e Investigação (CDI) dentro da CTSM, objetivando ministrar uma formação psicanalítica alternativa ao modelo da APA a todos os trabalhadores de saúde mental. O CDI foi efetivamente ativado em meados de 1972.

A história continua...

O período 1971–1973 é marcado pelas mudanças e rupturas institucionais promovidas pelos integrantes de Plataforma e Documento. Além da criação da CTSM, do CDI e da emergência efetiva da categoria de “trabalhadores em Saúde Mental”, foram lançadas duas coletâneas de artigos escritos pelos contestadores, apelidadas *Questionamos I* e *Questionamos II*¹².

De 1973 em diante, os acontecimentos políticos se sucedem num ritmo quase vertiginoso: posse de Hector Cámpora, em 25 de maio, representando o retorno oficial do peronismo à cena institucional; exacerbção dos conflitos no interior do peronismo, desencadeando uma luta fratricida pelo domínio do movimento; retorno de Perón à Argentina, em junho, marcado por um entusiasmo popular logo transformado em terror, no Aeroporto de Ezeiza, quando franco-atiradores a mando da

¹¹ Para apreciar os textos de renúncia de Plataforma e de Documento, ver LANGER, 1987: 125–134.

¹² No Brasil, publicados como LANGER, M.; BAULEO, A (orgs.) *Questionamos a psicanálise e suas instituições*; e LANGER, M (comp.) *Psicanálise institucional e psicanálise sem instituição*.

“Triple A” (Aliança Anticomunista Argentina) disparam rajadas de tiros sobre a multidão, provocando ferimentos e mortes (cf. VERBITSKY, 1995); renúncia de Cámpora (julho) e eleição de Perón (setembro de 1973) à presidência, tendo como vice sua esposa, Maria Esteia Martinez de Perón (Isabelita); crescimento dos choques entre as tendências peronistas, seguidos pela decisão de Perón de desencadear grande ofensiva contra os *Montoneros* e a Juventude Peronista, exatamente os grupos que mais o haviam ajudado a chegar ao poder; implantação de uma lei antissubversiva, mediante a qual são perseguidos os simpatizantes da esquerda, inclusive nas universidades, que se veem “depuradas” dos professores com simpatias marxistas; falecimento de Perón (julho de 1974). substituído no governo da nação por Isabelita; aprofundamento da violência política contra todos movimentos esquerdistas, com explícita participação da “Triple A”.

A partir de 1974, agentes da repressão estatal e paraestatal passam a perseguir membros de Plataforma e Documento. Comenta-se que nomes como Marie Langer, Amando Bauleo e Emilio Rodrigué, entre outros, estejam fazendo parte de “listas negras”. Devido à presumida (e provável) perseguição, muitos se exilam em outros países, onde mais uma vez procuram implementar ideias de socialização da psicanálise e do fortalecimento de um movimento de trabalhadores em saúde mental.

Na Argentina, o processo de endurecimento político culmina no golpe militar de 1976. As conquistas de Plataforma e Documento caem por terra, tornando-se extremamente arriscado falar em mudanças. Mas a história não termina aqui: os membros de Plataforma e Documento que sobrevivem à repressão dão continuidade às batalhas em outros países, dentre eles o Brasil. E esta já é uma outra história...

Referências bibliográficas

BALÁN, J. *Cuéntaine tu vida: una biografía colectiva del psicoanálisis argentino*. Buenos Aires: Planeta Espejo de la Argentina, 1991.

BEIRED, J.L.B. *Breve história da Argentina*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

- BRASLAVSKY, M.B.; BERTOLDO, C. “Anotações para uma história atual do movimento psicanalítico argentino” in LANGER, M (comp.) *Psicanálise institucional e psicanálise sem instituição*. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.
- BRICHT, S. *et al. El rol del psicólogo*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1973.
- CALDELARI, M.; FUNES, P. “La Universidad de Buenos Aires, 1955–1966: lecturas de un recuerdo” in OTEIZA, E (coord.) *Cultura y política en los años 60*. Buenos Aires: Oficina de Publicaciones del CBC, 1997.
- CARPINTEIRO, E.; VAINER, A. El día que hubo huelga de psicoanalistas. *Diário Página 12*, Buenos Aires, 27/05/99.
- KESSELMAN, H. “Plataforma Internacional: psicanálise e anti-imperialismo” in LANGER, M.; BAULEO, A (orgs.) *Questionamos a Psicanálise e suas Instituições*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- LANGER, M (comp.) *Psicanálise institucional e Psicanálise sem instituição*. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.
- _____; BAULEO, A (orgs.) *Questionamos a Psicanálise e suas Instituições*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- _____; GUINSBERG, E.; PALACIO, J. *Memória, história e diálogo psicanalítico*. São Paulo: Traço Editora, 1987.
- LEMA, V.Z. *Conversaciones com Enrique Pichón-Rivière sobre el arte y la locura*. Buenos Aires: Ediciones Cinco, 1996.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- VERBITSKY, H. *Ezeiza*. Buenos Aires: Planeta Espejo de la Argentina, 1995.